
Universidade de Lisboa
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação – Tecnologias Educativas

Las Alfabetizaciones Digitales

Doutor José Luis Rodríguez Illera

Comentário – Reacção

Muito bom dia a todos. Gostaria de me congratular pela iniciativa desta conferência no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação (disciplina de *Comunidades Virtuais de Aprendizagem*), pela excelente comunicação do professor doutor José Luis Rodríguez Illera e pelo amável convite do professor Fernando Albuquerque Costa para comentar e reagir a esta conferência.

No passado dia 7 de Janeiro – há uma semana, portanto – o jornal *The Boston Globe*, na sua edição online, dava conta da publicação de um relatório do Departamento de Educação dos Estados Unidos acerca do uso das novas tecnologias nas escolas americanas, com o título sugestivo *Escolas americanas atrasadas no uso da tecnologia*. O corpo da notícia punha em relevo vários aspectos que passo a citar muito rapidamente:

a) em primeiro lugar a constatação de um atraso considerável das escolas americanas no uso das tecnologias relativamente ao conjunto da sociedade, apesar do seu actual apetrechamento informático – banda larga em todas as escolas e um ratio de um computador por cada cinco alunos.

b) em segundo lugar, diz a notícia citando o relatório, são os próprios alunos que pedem mais Internet nas escolas, porque de alguma forma já intuíram os benefícios de um uso consistente e frequente de tal instrumento.

c) em terceiro lugar, o mundo da educação é o único entre os seus pares que ainda está na fase de questionamento, reflexão e debate acerca da utilidade da tecnologia, contrariamente às outras instituições sociais, públicas ou privadas, mantendo-se, por isso, quase inalterada ao longo do tempo, apesar das sucessivas reformas e investimentos.

d) e, contudo, quarto ponto, os alunos encaram a tecnologia como parte integrante das suas vidas, sobretudo em suas casas e não na escola; a tecnologia corre-lhes nas veias.

e) quinto e último, os estudantes de quase todas as idades constatarem diariamente a distância que os separa dos professores em termos de literacia digital, chegando mesmo a sugerir ao Departamento de Educação a formação compulsiva de todos os professores na área das tecnologias educativas.

É de realçar – como aliás mostra o relatório do Departamento de Educação enviado ao Congresso Americano – que a sociedade competitiva em que nos encontramos exige mestria na aplicação das novas tecnologias em todos os campos do empreendimento humano. A tecnologia que mudou dramaticamente o mundo fora das escolas começa paulatinamente a mudar a forma como ensinamos e aprendemos, muitas vezes dinamizada pelos próprios alunos, nativos com a Internet, confortáveis com ela.

Assiste-se, portanto, a um movimento de mudança curioso: não em função de uma lei ou de uma reforma legal; não em função de um esforço persistente dos professores face aos alunos, mas pelo contrário a um movimento que parte das bases em direcção às esferas mais elevadas da hierarquia. São os alunos nativos nas novas tecnologias que forçam as escolas a adaptarem-se o mais rapidamente possível, que forçam os professores a utilizarem as tecnologias digitais como o meio privilegiado de aprendizagens várias. Uma parceria interessante e estimulante foi experimentada num agrupamento de escolas americano em que os presidentes dos conselhos executivos pediram a um grupo de alunos que organizassem e levassem a cabo um workshop intensivo para os seus professores na área das tecnologias educativas.

A geração nativa nas tecnologias ou geração Milénio, como agora se intitula, gasta mais tempo a navegar na Internet do que a ver televisão, apostando claramente na interactividade. Talvez por isso mesmo não necessite frequentar cursos, workshops ou talleres sobre tecnologias porque aprendem fazendo – consolidando a ideia de que para aprender não é necessariamente imperioso ser-se ensinado à maneira tradicional. A *história de um professor a aprender* – capítulo do livro “A Família em Rede” de Seymour Papert – é um exemplo concreto de como, nesta área como noutras, os professores são facilmente ultrapassados pelos seus alunos. “A presença do computador na vida dos pré-adolescentes é hoje inelutável. Para o bem e para o mal, com uma simples ligação à Internet, crianças de nove, dez anos, têm o mundo em casa: a música, o cinema, os ídolos, os amigos e os namorados virtuais. E podem viver o mundo em casa, na solidão dos seus quartos.” (in *Pública*, edição de 09 de Janeiro de 2005, p. 28). Curiosamente, nos USA, no biénio 2000-2002, o grupo etário entre os dois e os cinco anos foi aquele que mais cresceu em termos de novos usuários da Internet.

Uma das recomendações mais revolucionárias proposta pelo Departamento de Educação americano é a passagem do papel para o ecrã, tentando promover e apoiar a

elaboração de conteúdos digitais acessíveis online em detrimento do livro de texto, com imensas vantagens: menos peso nas mochilas, mais barato, mais acessível, mais eficiente e mais próximo dos alunos nascidos com a Internet e com o digital.

Como o professor José Luis Rodríguez teve oportunidade de mostrar, uma das tensões latentes decorrente das alfabetizações digitais, é caracterizada pelo desnível entre os novos meios, com os seus novos modos de significação e de comunicação, e as ainda actuais práticas educativas que têm por base uma concepção na linha da raiz etimológica *educare* (alimentar, fornecer desde fora o necessário para a formação). Gavriel Salomon (citando Petraglia) fala da *domesticação* das tecnologias quando elas são apenas usadas como um simples meio para atingir as tradicionais finalidades educativas. Por outras palavras, as tecnologias seriam usadas na exacta medida em que se adequam à filosofia educativa dominante da mera transmissão cultural. Ficar por aqui é trivializar. Ficar por aqui é fazer o mesmo que os nossos antecessores já faziam, mas agora de maneira um pouco mais rápida, mais dinâmica e mais atractiva.

De igual modo não conseguimos resolver esta tensão entre os novos meios tecnológicos e os tradicionais objectivos educativos se encararmos as alfabetizações digitais como um fim em si mesmo. Para muitos dos tecnófilos – amantes das novas tecnologias – bastaria apetrechar as escolas com computadores, com ligação em banda larga à Internet e a revolução teria *ipso facto* o seu início. Este tecnocentrismo simplista afigura-se de um provincianismo ingénuo. Nada se resolve colocar o computador e outros apetrechos digitais no centro das atenções só porque são sedutores e porque a sua mestria, a aquisição das destrezas fundamentais para a sua manipulação, é garante de um aumento de auto-estima dos indivíduos que as usam. A alfabetização digital entendida meramente como conjunto de destrezas para manejar computadores e Internet ou aprender sobre novas tecnologias, tem-se revelado manifestamente insuficiente.

O professor José Luis Rodríguez chamou a atenção para as mudanças do conceito de alfabetização e mais ainda quando qualificado de digital, por este (digital) ser mais complexo e mais rico de meios possíveis. Entendido como prática e como processo, sempre inacabado e em permanente actualização, nas suas componentes de metamedialidade, multimedialidade e multimodalidade, o conceito de alfabetização digital apela e exige uma nova pedagogia e didáctica, uma nova aproximação ao conhecimento. Novas práticas de aprendizagem exigem novas práticas de ensino. É um lugar comum, na era do digital, falar da transformação da informação em conhecimento, mas o conhecimento, tal como refere Salomon, tem de deixar de ser um substantivo a denotar *posse* para se tornar num verbo a denotar *acesso*. A tensão entre novos meios digitais com seus novos significados e as práticas educativas tradicionais, poderá ficar mais distendida se se optar por modificar o conceito de conhecimento enquanto processo de aceder, gerir, discernir, avaliar e usar, muito mais do que ter ou não ter, possuir ou não possuir.

Pela primeira vez na história da humanidade, estamos a assistir à emergência e à necessidade de aprender ao longo da vida através de aprendizagens formais, não formais e informais. Um novo conceito de aprendizagem tal como é descrito pelos advogados do construtivismo arrasta consigo uma nova compreensão do que constitui de verdade a boa aprendizagem, capaz não só de redimensionar e introduzir um novo design nos ambientes educativos das nossas escolas, mas também de cultivar as qualidades tão desejadas dos alunos e alunas que as frequentam, neste novo milénio há pouco tempo iniciado.